

A VIDA IMITA A ARTE OU A ARTE IMITA A VIDA? UM OLHAR PARA O DESEMPREGO E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO INDIVÍDUO SOB A PERSPECTIVA DA FICÇÃO

Does Life Imitate Art or Art Imitate Life? A Look at Unemployment and its Implications in Individual Living from the Perspective of Fiction

Junia Vogel Olbermann

Mestranda de Administração de Empresas- Gestão de Pessoas.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
Brasil. E-mail: junia.vogel@gmail.com

Lívia Pedersen de Oliveira

Mestranda de Administração de Empresas- Gestão de Pessoas.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
Brasil. E-mail: livia.pedersen@gmail.com

Andrea Poletto Oltramari

Doutora em Administração de Empresas- Gestão de Pessoas.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
Brasil. E-mail: andreaoltr@gmail.com

Resumo

O desemprego afeta as relações pessoais construídas no ambiente do trabalho, podendo lançar o indivíduo à marginalização social, causando sofrimento e afetando sua vida pessoal. Nos propomos nesse artigo a debater as temáticas desemprego, trabalho e sofrimento, tomando como corpus de análise o filme “O Corte” (2005). Assim, foram escolhidos trechos da narrativa do filme, a partir do método de análise fílmica (PENAFRIA, 2009). A justificativa se ampara no fato de que poucos trabalhos acadêmicos, na área da Administração, se propõem a analisar o desemprego, sob a perspectiva de análise da narrativa de um filme como campo empírico de pesquisa. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo, cuja análise dos resultados foi feita através da análise de conteúdo. Dentre os resultados encontrados, destaca-se que a compreensão do trabalho como fator central na vida ainda prevalece e que o desemprego pode levar o indivíduo a sofrimento psíquico e isolamento social.

Palavras-Chave: Desemprego; Trabalho; Sofrimento; Cinema, Ficção.

Abstract

Unemployment affects the personal relationships built in the work environment, and can throw the individual into social marginalization, causing suffering and affecting his personal life. This article sought to understand, from the French film “Le Couperet” (2005), how unemployment affects life. For this, parts of the film were selected, using the method of film analysis (PENAFRIA, 2009). The justification of the study is supported by the fact that few academic papers in the area of Administration propose to analyze the unemployment, from the perspective of analyzing the narrative of a film as an empirical field of research. This is a qualitative, descriptive study, whose analysis of the results was done through content analysis. Among the results that were found it is emphasized that the understanding of work as a central factor in life still prevails, and unemployment can lead the person to psychological suffering and social isolation.

Keywords: Unemployment; Work; Suffering; Cinema; Fiction.



1 INTRODUÇÃO

É importante distinguir, conforme Reinert (2001), a diferença conceitual entre trabalho e emprego. O trabalho é caracterizado por ser uma atividade social, pela qual os indivíduos procuram progredir materialmente e moralmente. O ato de trabalhar é algo que data desde o início da humanidade, ou seja, trabalhar é algo inerente à condição humana e sempre existiu em todos os modelos de produção e modos de trabalho. O ser humano sempre enxergou no trabalho uma forma de sobreviver e progredir. O emprego, por sua vez, é algo próprio do capitalismo, sendo ele para Reinert (2001, p. 1) o “elo de ligação formal entre o trabalhador e o modo de produção capitalista e não com uma organização específica, porque o trabalhador é *livre* para escolher a organização por intermédio da qual sua ligação se efetivará”. Neste artigo, contudo, utiliza-se o termo trabalho em consonância com o termo emprego/desempregado, visto que, em nossa visão, o emprego também está envolto do conceito de trabalho. Mesmo que o posto de trabalho seja em si um emprego, no momento em que ele se torna central, ou pelo menos parte significativa na vida e na construção da subjetividade, ele acaba estando também embebido do conceito de trabalho acima descrito.

O desemprego aqui tratado, então, significa a não ocupação de um posto de trabalho em qualquer organização. A grande dimensão dessa situação acaba por poder levar a situações devastadoras nos mais diversos aspectos da vida do trabalhador, não se restringindo somente a aspectos financeiros. O desemprego aumenta problemas ligados à saúde tanto física quanto mental. Atois ilegais e com teores de violência podem ser desencadeados por essa situação, além de aumentar as possibilidades de desestruturação social e familiar (REINERT, 2001).

Ao olhar o trabalho ou a falta dele sob a perspectiva dos trabalhadores, nota-se que ele passou por mudanças significativas nas últimas décadas. No conjunto de transformações, encontram-se maiores taxas de desemprego, a precarização do trabalho e de suas relações (MATTOSO, 1999; SOUZA, LEMOS, 2016; CATTANI, 2014; FONTENELLE, 2015; DEJOURS, 2015).

Apesar disso, o trabalho desempenha uma função central na vida dos indivíduos (RODRIGUES, BARRI-

CHELO, MORIN, 2016; CONCOLATTO, GASSEN, RODRIGUES, 2017). É por meio dele que os indivíduos se relacionam, desenvolvem suas habilidades, enxergam-se como cidadãos. Desse modo, o desemprego, além das repercussões financeiras, traz consigo a perda da sensação da identidade, uma vez que é através do seu trabalho que o indivíduo é visto e reconhecido no meio social. Com a perda do trabalho, o indivíduo coloca em risco seu equilíbrio psíquico, podendo levar, em casos extremos, mas não raros, à doença mental ou física (DEJOURS, 1999).

Na esteira deste pensamento, para Dejours (2004), o sofrimento relacionado ao trabalho se intensificou na contemporaneidade, em especial quando pensado a partir do desemprego. A causa disto deriva do aumento da vulnerabilidade dos trabalhadores no ambiente do trabalho, ocasionado, em especial, pelo sentimento de solidão que há nas relações entre os indivíduos (BIRMAN, 2006). Essas relações frágeis entre os trabalhadores decorrem do processo de individualização, competição e da precarização do trabalho. Estas constantes mudanças no trabalho, para Birman (2006), criaram um ambiente de insegurança e de desigualdade. A precarização, bem como a falta de reconhecimento, acabam por promover sentimentos de mal-estar nestes indivíduos.

Com base neste contexto, o presente artigo buscou compreender, sob a ótica do filme *O Corte* (2005), dirigido por Costa-Gavras e Jean-Claude Grumberg, como o desemprego afeta a vida do indivíduo, além de olhar para o desemprego como uma fonte de sofrimento e abalo psíquico. A escolha pelo filme em questão ocorreu por ser uma obra que dramatiza, de forma crítica, as consequências do desemprego. Por meio do seu personagem principal, é relatado como o descaso das empresas para com os seus empregados, a desvalorização profissional e uma situação de desemprego generalizada promovem o abalo psíquico dos sujeitos, podendo o levar a situações e ações extremas. Vale ressaltar, contudo, que o filme realiza essa crítica de maneira a sobrevalorizar essa situação, com o intuito de chamar, mais facilmente, a atenção dos espectadores, não chegando todos os casos a essas situações extremas. Este estudo, assim, utilizou uma abordagem qualitativa e descritiva para compreender como o desemprego, o sofrimento, os sentidos e significados do trabalho são retratados neste filme.

Buscar compreender uma questão social, como o desemprego, através do cinema é uma forma de “sensibilizar diferentes plateias para as questões do trabalho, que estão presentes no cotidiano da maioria das pessoas, mas cujas demonstrações, em geral, ficam restritas aos textos codificados no discurso científico” (RAMALHO, 2013, p. 193). Para o autor, combinar outras linguagens na realidade social possibilita novas abordagens a respeito do tema e, muitas vezes, conferem mais eficácia na compreensão da sociologia do trabalho. Nesta perspectiva, entendemos que a vida pode imitar a arte, como já diz o ditado popular, mas também a arte pode imitar a vida, no sentido em que as manifestações artísticas - como a música, a pintura, a literatura, o cinema - podem ser uma forma de compreender o mundo, pois elas traduzem, muitas vezes, um momento histórico ou um fenômeno social relevante, sob uma perspectiva por vezes mais romântica, por vezes mais crítica, da realidade. Afora isso, ao fotografar e filmar histórias e narrativas, na justaposição dos detalhes, aqueles que vivem suas histórias verdadeiras podem criar um mundo próprio de interpretação e reflexão sobre sua própria condição (SCOREL *et al.*, 2003).

Diversos trabalhos acadêmicos em âmbito internacional (CHAMPOUX, 1999; HUCZYNSKI, BUCHANAN, 2004; ROHDES, BROWN, 2005; WALLER, SOHRAB, MA, 2013; TAYLOR, PROVITERA, 2011) e nacional (AZIZE, 2009; HOLZMANN, 2012; SOCHACZEWSKI, 2014) utilizam a ficção para analisar teorias sociais. No entanto, a maior parte destes estudos faz a análise narrativa de filmes com fins pedagógicos, sendo uma ferramenta de apoio ao docente para ajudar em uma melhor contextualização e compreensão de uma teoria social. Alcázar (apud SOCHACZEWSKI, 2014, p. 124) considera o filme um recurso didático que rompe a “dinâmica de monólogo dos meios de comunicação de massas – em que a informação se oferece sempre interpretada”, permitindo a reflexão das complexidades dos fenômenos sociais e históricos de forma mais rica. Adicionalmente, Penafria (2009) diz que analisar um filme é decompô-lo, o que diferencia da atividade de crítica a um filme. Após a decomposição, passa-se para a segunda etapa, que é interpretar os momentos de decomposição.

No cenário acadêmico brasileiro, destacam-se os trabalhos de Azize (2009) e Holzmann (2012), que

analisam produções cinematográficas que usam como pano de fundo o mundo do trabalho. Azize (2009) se ampara em diversas produções cinematográficas para abordar o desemprego executivo. Holzmann (2012), por sua vez, aborda como a problemática do trabalho é reproduzida no cinema. Para isto, após uma revisão teórica sobre sociologia do trabalho, Holzmann (2012) apresentou uma pesquisa empírica onde analisou 23 filmes sob a perspectiva da flexibilização; da precariedade e instabilidade no trabalho; da crítica ao capitalismo; da articulação de trabalhadores na busca por direitos; do desemprego; da questão do homem-máquina; entre outras temáticas. O presente artigo diferencia-se destes estudos, pois se propõe a analisar apenas o desemprego e sua repercussão no indivíduo, deixando de lado os outros aspectos relacionados ao trabalho apontados por Holzmann (2012). Ao falar do desemprego, no entanto, este artigo não volta seu olhar para uma classe específica de trabalhadores, como o faz Azize (2009).

Também é importante destacar as discussões cinematográficas no campo da Administração que associam as representações à realidade do mundo do trabalho nas mais diversas categorias: gênero e prostituição (SOUSA, 2005); o mundo do trabalho (ESTANISLAU *et al.*, 2012); sofrimento no trabalho e assédio moral (MACHADO; IPIRANGA; MATOS, 2013); as pressões vividas pelos trabalhadores e a dificuldade em equilibrar trabalho e lazer (BIZARRIA *et al.*, 2014); empreendedorismo (PAIVA JR; ALMEIDA; GUERRA, 2008) e relações de trabalho e classe social (OLTRAMARI; SILVA; BORTOLINI, 2016), entre outras. Porém, há poucas análises fílmicas que abordam o desemprego.

Desta forma, a justificativa deste artigo se ampara no fato de que poucos trabalhos acadêmicos, na área da Administração, se propõem a analisar o desemprego, sob a perspectiva da análise da narrativa de um filme como campo empírico de pesquisa, método pouco explorado “de combinar outras linguagens na análise da realidade social” (RAMALHO, 2013, p. 193). Assim, a pesquisa não se baseará em entrevistas ou questionários, uma vez que propomos que o uso de filmes proporciona, em muitos casos, o suporte necessário para compreensão e análise de uma situação real. Somado a isso, o tema desemprego se torna ainda mais pertinente frente ao cenário político, social e econômico pelo qual o Brasil está atravessando neste momento, tornando-se essencial que discussões e reflexões acerca do tema

sejam motivadas, também, no contexto acadêmico, sob as mais variadas perspectivas.

Para a análise, este estudo baseou-se, especialmente, no que tange ao tema de trabalho e desemprego, sofrimento e prazer, nos autores Gaulejac (2006, 2007); Dejours (1999); Birman (2006); Lancman e Sznelwar (2004); Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012) e Antunes (2006). No que tange ao tema do uso da ficção para compreender teorias sociais, foram utilizados os autores Champoux (1999), Huczynski e Buchanan (2004) e Holzmann (2012).

A seguir, apresentaremos o percurso metodológico e a importância do cinema como possibilidade de reflexão, o referencial teórico, a apresentação e análise dos resultados, e as considerações finais.

2 A FICÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE UM NOVO OLHAR SOB OS FENÔMENOS SOCIAIS: O PERCURSO METODOLÓGICO

Embora o uso da ficção possa ser considerado pouco científico para explicar ou compreender um fenômeno social (RAMALHO, 2013), é inegável que, muitas vezes, ela é uma forma de representar ou de contar a História. O cinema, e tantos outros tipos de arte, **são tão capazes de retratar fatos** presentes ou reconstruir o passado, como o são os livros didáticos e os artigos científicos, **tão comumente utilizados** no meio acadêmico para validar uma teoria.

Reforçando esse entendimento, Huczynski e Buchanan (2004) argumentam que filmes raramente são neutros, uma vez que mostram um determinado ponto de vista a que deve ser (padronizar 1ª ou 3ª pessoa) confrontado com as experiências e valores de quem o assiste. Holzmann (2012) direciona sua análise para a mesma compreensão, ao considerar o cinema como uma possibilidade de manifestação político-ideológica, em que o autor se posiciona frente a um evento e, em decorrência disso, a neutralidade desaparece. Assim, o cinema se constitui em um “importante instrumento da veiculação de ideias, denúncias, críticas, apoios” (HOLZMANN, 2012, p.8).

Huczynski e Buchanan (2004) sustentam que a ficção pode ser uma valiosa fonte de conhecimento, pois pode ser avaliada e interpretada como qualquer outro dado. Além disto, o uso da ficção se constitui

em uma forma criativa e complementar de compreender uma teoria, pois possibilita ilustrar assuntos e conceitos e demonstrar aplicações práticas da teoria (HUCZYNSKI, BUCHANAN, 2004, p.722). Assim, Ramalho (2013) diz que:

“Não se espera da abordagem cinematográfica a reprodução dos códigos ou a fundamentação requerida pelo relato das ciências sociais: o alcance da manifestação dramática, não só atinge um público mais amplo, como permite visibilizar reações e solidariedades como dificilmente fariam os textos sociológicos (RAMALHO, 2013, p. 195).

Corroborando com Ramalho (2013), Champoux (1999, p. 206) defende que apresentar conceitos através de cenas de diferentes filmes permite mostrar a aplicabilidade destes conceitos em diferentes situações. Holzmann (2012) reitera que os filmes permitem ao indivíduo “tomar conhecimento de realidades e episódios que desconheciam” e, neste entendimento, podemos considerar que este tipo de expressão artística carrega consigo uma forte representação social que pode ser usada “tanto para desenvolver quanto para ilustrar conhecimentos teóricos” (HUCZYNSKI, BUCHANAN, 2004, p. 708).

Muito importante considerar que não é todo tipo de filme que se presta a este tipo de análise: tratamos aqui de filmes que pretendem fazer uma crítica social a determinado fenômeno ou fato histórico, podendo reforçar ou enfraquecer teorias. Para Huczynski e Buchanan (2004, p. 708) “filmes de ficção podem ser considerados tanto entretenimento, quanto reflexos da realidade, ou como artefatos culturais que moldam e constituem a nossa compreensão do social e da vida organizacional”.

Cinema também é narrativa e, por isso, resolve simbolicamente o que não se pode resolver na realidade (TURNER, 1997). As narrativas podem ser tanto textuais quanto sociais. Do contexto social, por exemplo, podem-se inferir ligações entre um filme e movimentos sociais. Assim, dependendo da época que o filme representa, a conclusão da narrativa pode representar a solução absolutamente simplificada para problemas pessoais ou sociais. Assim, ao projetar um filme e proceder sua análise crítica após a projeção, pode redundar em transformações nos sujeitos implicados no processo, tais como alunos, comunidade, trabalhadores, etc. O cinema, enquanto veículo cultural, inegavelmente

atinge às massas e por isso pode, inclusive, projetar e ser repleto de convenções sociais, justamente como tentativa de agradar as massas. No entanto, há também o cinema que tem a intenção de realizar uma crítica e/ou refletir sobre determinada situação.

Neste viés, Holzmann (2012) diz que mesmo que os filmes retratem diferentes períodos e situações sociais, eles permitem relacionar as explicações teóricas da sociologia do trabalho com as situações vividas no cotidiano. A autora, no que se refere ao tema “trabalho” na ficção, relata que as histórias contadas em algumas produções cinematográficas podem reforçar, ilustrar e até mesmo desmentir algumas teorias.

3 TRABALHO E VIDA: SOFRIMENTO OU PRAZER?

O trabalho, para Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012), pode ser analisado à luz dos sentidos do trabalho, por duas linhas de pensamentos: a racionalidade instrumental e substantiva. Na racionalidade instrumental prevalece uma visão utilitarista, voltada para os ganhos econômicos e relações de poder. A racionalidade substantiva está relacionada a aspectos de satisfação, realização, autonomia, ética e solidariedade. O sentido do trabalho, contudo, pode transitar entre estes dois conceitos, não sendo estes mutuamente desconexos ou anulantes.

Já a centralidade do trabalho na vida do indivíduo, para Tolfo e Piccinini (2007), está conectada com o grau de importância que o trabalho possui na vida das pessoas, podendo variar de uma centralidade absoluta, a uma centralidade relativa ou a uma neutralidade. Este grau de importância estará diretamente relacionado aos ciclos vitais do sujeito, ou seja, como o trabalho vincula-se a momentos importantes da vida. O sentido que o trabalho representa para o indivíduo – valores morais, éticos, as contribuições do trabalho para a sociedade, um trabalho que considere significativo e interessante - determinará o grau de centralidade do trabalho. Para as autoras, “o sentido do trabalho, por sua atribuição psicológica e social, varia, na medida em que deriva do processo de atribuir significados e se apresenta associado às condições históricas da sociedade.” (TOLFO, PICCININI, 2007, p.3). Quando o trabalho deixa de fazer sentido para o indivíduo emerge o sofrimento.

Dejours (2004) também aborda a questão do sofrimento no trabalho e sua intensificação na atualidade. O autor discorre sobre o aumento da vulnerabilidade dos trabalhadores no ambiente do trabalho. Isso não significa que há, em si, mais situações que levam ao sofrimento no trabalho, mas a solidão que há nas relações entre os indivíduos gera o aumento da intensidade deste sentimento. As relações frágeis entre os trabalhadores, decorrentes da individualização, competição e das ações de precarização do trabalho, juntamente com a erosão das estratégias coletivas, colocam os indivíduos cada vez mais em uma posição solitária. Sem o amparo dos pares, as pessoas tornam-se mais sensíveis às ações que geram o sofrimento, além de possuírem maiores dificuldades de lidar com estes percalços. Assim, o autor relaciona as patologias do trabalho na atualidade ao conceito de *patologias da solidão*.

Para entender como os aspectos do trabalho afetam outras esferas da vida do indivíduo, pode-se fazer uma relação com o que Birman (2006) trata em seu livro sobre o mal-estar na modernidade e na brasilidade. As constantes mudanças na vida do trabalho criam um ambiente de insegurança e de desigualdade, que diz também das patologias da solidão, como referia Dejours (2004). A precarização e a falta de reconhecimento promovem sentimentos de mal-estar nestes indivíduos. Como meio de escape, tais sentimentos ajudam a desenvolver ações narcísicas e o individualismo. O ser humano se sente à deriva, sem rumo, sem a segurança que tanto era almejada nas gerações anteriores e que proporcionava tranquilidade à vida das pessoas (SENNETT, 2003).

Assim, para Dejours (2004), o trabalho desempenha uma importância central na vida das pessoas. É por meio dele que vivemos juntos. É no trabalho que o indivíduo desenvolve suas habilidades, vê-se como cidadão e cria relações com outros indivíduos. Porém, quando essas relações fracassam e os elos de solidariedade retrocedem, o trabalho pode se tornar uma força da difusão do “cada um por si” e do desenvolvimento de atitudes perversas. Os comportamentos desleais chegaram ao ponto de ser banalizados. Neste meio, a desconfiança impera. Gaulejac (2006) afirma que o indivíduo, perante este cenário, acaba por isolar-se do seu meio social, conformando-se com a situação e perdendo, muitas vezes, sua identidade.

O trabalho que deveria transformar e engradecer o indivíduo, acaba se tornando somente uma moeda de troca à sobrevivência. O trabalhador, assim, não é mais visto como um cidadão ajudando a construir uma sociedade, mas somente como um fator de produção (ANDRADE, TOLFO, DELLAGNELO, 2012).

Todo este processo reforça a lógica da *patologia da solidão* trazida por Dejours (2004). Outro problema decorrente desta situação é a perda dos sonhos e da dignidade dos trabalhadores, que não conseguem mais encontrar nos seus empregos uma forma segura de sobrevivência (LANCMAN, SZNELWAR, 2004). Por sua vez, Morin (2001) observou que o que proporciona sentido ao trabalho, dentre outras coisas, é o sentimento de vinculação à ação, ou seja, perceber-se importante no processo. Ademais, o trabalho deveria ser satisfatório, indo ao encontro dos anseios intrínsecos dos indivíduos. Por fim, a segurança e as relações entre os indivíduos também foram identificados como peças fundamentais na construção de um sentido positivo do trabalho.

Na vida pessoal, o trabalho pode ser visto como a forma pela qual o sujeito sente-se pertencente à sociedade e como meio formador da sua subjetividade. Contudo, quando esse trabalho não valoriza ou precariza o indivíduo, tanto sua subjetividade, quanto a sua vida familiar e social podem ser afetadas. Além disso, o olhar do outro para ele também se modifica. No momento em que o sujeito se encontra em uma situação precária, a sociedade tende a vê-lo também por esse olhar, um olhar de desprezo, de marginalização (LANCMAN, SZNELWAR, 2004).

Todos esses aspectos são importantes para entender que o que acontece no campo do trabalho não atinge somente esta esfera na vida, mas também contamina o tempo de não trabalho. Dessa forma, quando o reconhecimento no trabalho deixa de existir, o indivíduo também se vê como sem importância.

Para Lancman e Sznelwar (2004), quando o indivíduo perde o contato com o real e não é mais reconhecido pelo outro, ele entra na loucura clássica, na alienação mental. Já no momento em que o seu trabalho tem uma relação com o real, mas ainda não há o reconhecimento, este se encontra na solidão alienante, podendo gerar uma crise de identidade. Por fim, outro estágio de patologia de alienação cultural seria quando este sujeito possui o reconhecimento,

mas este não é vinculado a um mundo psíquico real. O indivíduo, desse modo, estaria sempre em uma batalha contra esses três modos de loucura (LANCMAN, SZNELWAR, 2004).

4 DESEMPREGO: O CAOS QUE PRODUZ PARA A VIDA

Vargas (2008) pontua que o desemprego não é um fenômeno recente na sociedade, existindo desde que surgiram as relações de trabalho assalariadas. Neste contexto, Whiteside (2014) aponta que nos últimos 30 anos o desemprego voltou a assombrar a Europa e o mundo. O autor retoma que o conceito “desemprego” passou a fazer parte do discurso público no final do século 19, como uma forma de diferenciar os indivíduos sem trabalho dos pobres. No século 20, o desemprego passou a ser compreendido como um problema social permeado por questões políticas, econômicas e sociais.

Para Palassi e Silva (2014), o momento da demissão pode acarretar em sentimentos diferentes para cada trabalhador. Além disso, na visão de Bitencourt, Gallon, Batista e Piccinini (2011), o sentido do trabalho varia de indivíduo para indivíduo, modificando-se conforme as relações construídas dentro do âmbito de trabalho; a idade e fase da vida do sujeito; a sua situação financeira; o quanto aquele emprego significou na sua trajetória de vida; e o quanto central ele era na vida desses. Conforme Palassi e Silva (2014), alguns passam a ver nessa situação a chance de se lançar novamente no mercado de trabalho, procurando, nesse momento, novas e melhores oportunidades. Enxergam no cargo anterior um acréscimo ao seu currículo, ou seja, uma oportunidade que puderam usufruir e que agora poderá auxiliar na busca de um novo emprego. Para outro grupo, contudo, esse momento é visto sob outra perspectiva. Ao serem demitidos, sentem-se desvalorizados e não reconhecidos pela empresa. Para eles, a organização significava uma parte importante da sua identidade. Ao ser demitido, desse modo, esse vínculo foi quebrado, fazendo com que o sujeito perdesse uma parte importante no que diz respeito ao sentido da sua vida.

Estar desempregado tem uma representação social muito forte ante o indivíduo que vive em uma sociedade onde a valorização do trabalho está imersa

em “um conjunto de proteções e benefícios materiais e simbólicos a ele associados” (VARGAS, 2008, p. 17). Para o autor, o desemprego vai além das restrições financeiras que ameaçam a subsistência do indivíduo, afetando principalmente as relações pessoais construídas no ambiente do trabalho e lançando o indivíduo para a marginalização social. Este entendimento está em consonância com Gaulejac (2007), que refere que a falta do trabalho impõe não somente a perda de sua remuneração financeira, mas também a perda da sua própria história. Além do mais, quando essa história não é vista com valor, não é reconhecida, há uma desorganização psíquica do indivíduo. O ego, funções de defesa, de autoestima e de desenvolvimento são abaladas. Há, também, efeitos na vida social, como a diminuição do prestígio social, dissolução de laços afetivos, bem como o estigma negativo que é criado em relação ao desempregado na sociedade (GUIMARÃES, DEMAZIERE, SUGITA, 2009).

Também preocupado com as consequências do desemprego sobre os indivíduos, Antunes (2006) ressalta que é através do trabalho que o homem se torna ser social: o trabalho representa uma forma de realização do indivíduo, bem como sua fonte de subsistência. O desemprego se configura, neste aspecto, como uma forma de exclusão social (FERRAZ, 2015), que desloca o indivíduo de seu espaço social, colocando-o à margem da sociedade. Nesta perspectiva, Iasi (2006) retoma Hobbes para caracterizar uma sociedade onde impera a “guerra de todos contra todos”, uma sociedade com constante tensão e disputa pelas oportunidades, onde a competição é inerente ao indivíduo que procura distinguir-se entre seus iguais: “no reino da igualdade todos os indivíduos disputam entre si, seja uma vaga no mercado de trabalho, seja na livre concorrência entre capitalistas [...]” (IASI, 2006, p.195).

Desse modo, o desemprego pode ser responsável pela perda da sensação de identidade, gerando caos psíquico. Essa sensação torna-se intensa uma vez que o emprego é considerado um dever moral e social. O desempregado, uma vez que não se encontra dentro deste modelo, pode ser acometido por um sofrimento psíquico, já que é o trabalho um dos principais mediadores da realização social do ego do indivíduo (DEJOURS, 1999).

Para Gaulejac (2007), o desemprego faz com que o indivíduo perca o direito a uma existência social, pois

não se admite “tempo morto”. Para o autor, o trabalho deveria ser um meio de subsistência e não a finalidade da existência. O que ocorre, contudo, é justamente o contrário, o trabalho se configura como uma das únicas formas de ter segurança, autonomia e de existir socialmente, ocupando lugar central na vida das pessoas e se caracterizando como fonte de realização e satisfação (DOURADO, HOLANDA, SILVA, BISPO, 2009).

Amparadas nestas reflexões acerca do trabalho e desemprego, do sofrimento e do prazer associados ao status social que o trabalho proporciona, na próxima seção apresentaremos o percurso metodológico utilizado na construção deste estudo.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a análise do filme *O Corte*, utilizou-se a abordagem qualitativa, por possibilitar uma melhor compreensão dos aspectos subjetivos, os quais não poderiam ser identificados e compreendidos, com profundidade, em uma pesquisa quantitativa (BRUYNE et al., 1991; ROESCH, 2005). Ademais, este estudo possui um caráter descritivo, visto que procura descrever o cenário de desemprego e seus efeitos a partir da narrativa de um filme (VERGARA, 2004).

A coleta de dados foi realizada através da reprodução do filme, a fim de identificar os trechos e narrativas relevantes para a análise do tema proposto no estudo e realizar as transcrições necessárias. Amparadas em Vanoye (1994), realizou-se a análise em duas etapas principais: a decomposição do filme, seguido do processo de identificação e compreensão das relações entre os elementos que surgiram da decomposição deste. Nesta decomposição tornou-se de suma relevância estar atento aos conceitos relacionados à imagem, ao som e à estrutura do filme. Embora as discussões sobre imagem e som não estejam presentes na análise aqui proposta, foi importante o olhar atento sobre como essas questões apareciam no filme.

Para a análise do filme utilizou-se a análise de conteúdo. A aplicação deste modo de análise em filmes, conforme Vanoye (1994), foi elaborado por meio de um resumo que abrangesse todos os momentos importantes da história, bem como a decomposição do filme em partes, levando em conta o tema e o objetivo do estudo em si. Além do mais, o filme também foi

analisado sob a ótica da análise externa, a qual vê o filme como o resultado do conjunto de elementos que circundam a produção e o autor, como o contexto social, cultural, político, estético, tecnológico. Para tanto, esses elementos dialogaram com a teoria exposta e discutida no referencial teórico.

A análise foi dividida em três categorias, com o intuito de caracterizar alguns elementos apontados no referencial teórico. Para isto, os nomes dados às categorias retomam diálogos de *O Corte*. As possibilidades de análise de *O Corte* não se encerram nestas três categorias, assim como outros elementos emergem da análise das mesmas. Ressalta-se, ainda, que estas categorias estão inter-relacionadas, entrecruzadas, e outras categorias são passíveis de serem propostas em estudos futuros. A categoria “**Acontece a todos os sem trabalho**” – inspirada no diálogo que acontece entre Davert e seu terapeuta - retoma as questões de sofrimento que podem permear a vida dos desempregados. A categoria “**Acabaram com minha vida, com o risco de arruinar a de minha família**” – também extraída durante a sessão de terapia de Davert – procura analisar passagens do filme que retratam como os problemas decorrentes do desemprego podem refletir nos relacionamentos familiares e sociais. A categoria “**Você também está ficando louco**”, do diálogo entre Davert e um de seus concorrentes, Étienne Barnet – busca problematizar como a condição de desempregado pode afetar a saúde mental e psíquica dos indivíduos.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antes de apresentar o filme, se apresentará uma breve contextualização sobre a conjuntura que o filme apresenta, nomeadamente, sobre o fenômeno da pulverização e deslocalização de empresas e o impacto do desemprego na França e das formas de organização do trabalho que implicam a redução do número de funcionários e na apropriação do seu saber-fazer e no desmantelamento das estratégias coletivas de defesa e vínculo sindical. As novas configurações organizacionais, sejam em rede ou em diversas formas de cadeias produtivas foram ganhando espaços regionais e nacionais a ponto de serem ampliadas e responsáveis tam-

bém por gerar sua desintegração (fusões, aquisições, internacionalização de empresas) e uma pulverização de várias formas de trabalho ao longo dessa trama (POCHMANN, 1998). Castells (1999) denomina essa nova forma organizacional como empresa em rede. Os trabalhadores, por sua vez, nunca foram tão vulneráveis a essas empresas, contratados em uma rede flexível cujo paradeiro é desconhecido na própria rede (CASTELLS, 1999). Dejours (2004) já anunciava sobre a organização do trabalho na França, em especial quando tem seu olhar debruçado sobre o sofrimento do trabalhador. Dejours (2004) chama a atenção para o baixo nível de sindicalização da França, e que tal reação dos trabalhadores ao não buscar representatividade nos sindicatos produz um nível alto de falta de solidariedade. Para o autor, as pessoas na França estão, psicologicamente, cada dia mais sós. Dejours (2004) também diz que o desaparecimento das solidariedades manifesta-se até mesmo no espaço público, onde se assiste a uma despolitização global e reforça ele dizendo que na França esse fenômeno é mais visível.

O cenário econômico francês do final dos anos 90, assim como o da Europa de forma geral, foi marcado por uma “depressão silenciosa” (HEILBRONER; MILBERG, 2008) representada por altas taxas de desemprego que assolaram até mesmo os países considerados mais estáveis. A França, país onde o filme *O Corte* se passa, enfrentava taxas de desemprego nunca antes vistas e salta, em duas décadas, dos 3,8% de taxa de desemprego registrados no início dos anos 80 para 9,5% entre os anos de 2000 a 2005, conforme estudos de Heilbroner e Milberg (2008). Para contextualizar este cenário, os autores relatam que no final dos anos 90, uma grande empresa francesa anunciou planos de eliminar metade de sua força de trabalho, utilizando o *downsizing* (dispensa em massa de trabalhadores) como estratégia para tentar reduzir os custos trabalhistas e aumentar a produtividade e a margem de lucro. Estes dados coincidem com o momento em que o personagem principal do filme, Bruno Davert, está se inserindo profissionalmente no mercado de trabalho como engenheiro de uma grande corporação (supostamente no final da década de 80 ou início dos anos 90), onde a situação econômica do país era estável e com baixas taxas de desemprego, até o momento em que é demitido, quinze anos depois, sendo obrigado a

enfrentar um novo cenário social e econômico marcado pelo enxugamento de grandes empresas.

O Corte – uma breve síntese

O filme se passa na França e conta a história de Bruno Davert, engenheiro de 41 anos desempregado, casado e pai de dois filhos. Passados dois anos e meio de sua demissão, justificada pela empresa do ramo de papel onde trabalhava como uma forma de redução de gastos frente à crise econômica, o personagem enfrenta uma crise pessoal motivada pela falta de emprego. Após receber 15 meses de indenização pela demissão, enfrenta, agora, uma realidade desesperadora, onde vislumbra poucas oportunidades de recolocação no mercado de trabalho. Como forma de se tornar mais competitivo diante da crise, Davert articula um plano: eliminar seus concorrentes para que seja o mais capacitado a assumir um cargo de direção em Arcadia, uma das poucas empresas de papéis que continua produzindo no país. Para dar cabo a seu plano e ter acesso aos currículos dos concorrentes, Davert forja um anúncio de emprego para uma empresa fictícia do ramo de papel e o veicula em jornais. Através de uma caixa postal, recebe dezenas de currículos dos interessados pelas vagas. Após analisar cada perfil, Davert descarta aqueles que possuem qualificações menores que as suas, já que não os considera uma ameaça, e passa a matar, um a um, seus concorrentes em potencial. Como missão final, para que tenha uma possibilidade real de emprego, ele precisa matar o diretor da empresa na qual almeja trabalhar. Permeando este contexto principal do filme, ainda são abordadas questões de gênero, onde a mulher assume – há que se destacar que sob o olhar preconceituoso da família - o sustento da família, além do desconforto frente à recrutadora mulher que o entrevista para uma vaga de emprego; problemas relacionados a seu filho adolescente que é preso por roubo; uma crise conjugal motivada pela suposta traição da mulher; uma terapia de casal que o personagem principal faz contra sua vontade; e, ainda, a problematização social em relação à discriminação racial, representada pelo o terapeuta negro.

A seguir, com o intuito de facilitar a decomposição do filme, apresentaremos as categorias de análise propostas, as quais ajudarão a compreender como alguns

preceitos teóricos apresentados nas seções anteriores são retratados neste filme.

“Acontece a todos os sem trabalho”

Embora, na contemporaneidade, a sociedade esteja vivenciando um mundo globalizado, sem fronteiras, onde os indivíduos têm a oportunidade de conhecer inúmeros lugares e pessoas, experimentar diversas carreiras, manter-se constantemente conectados às mais atualizadas tendências, informações, e onde o conhecimento e a criatividade são ferramentas indispensáveis para que o sujeito se destaque na multidão, o trabalho, ainda, é um dos elementos centrais na vida. Isto se dá pelo fato de que é através do trabalho que se é possível posicionar socialmente e realizar os demais empreendimentos da existência, como família, filhos, estudos.

A maior complexidade da vida social, a ampliação de temas incorporados às preocupações da humanidade (...) tem ampliado as possibilidades de integração das pessoas a atividades sociais distintas, levando a construção de uma multiplicidade de identidades (...). No entanto, essa nova realidade não deve ser traduzida como perda da importância do trabalho, esfera que continua sendo elemento-chave na integração dos indivíduos na tessitura social (HOLZMANN, 2012, p. 111-112).

Neste contexto, ao longo da trama de *O Corte*, pode-se observar como a falta de trabalho pode gerar conflito e sofrimento psíquico no indivíduo. Em uma das cenas do filme, no momento que o personagem principal, Davert, realiza uma entrevista para vaga de emprego, ele se sente incomodado com toda a “encenação” que precisa fazer para ter êxito: sorrir sempre, parecer mais jovem do que realmente é, fingir naturalidade ao ser entrevistado por uma mulher, desvalorizar suas qualificações profissionais para justificar aceitar um trabalho de menor exigência intelectual. Mostrar-se relaxado, confiante, vender-se, são alguns dos aspectos inerentes a essa situação. Nesse momento, conforme Lazzarato e Negri (2001), o trabalho personifica-se e o sujeito deve se transformar naquilo que a posição lhe exige. Sua subjetividade e identidade devem ser deixadas de lado para que as determinações do cargo auferido sejam alcançadas. Para Guattari e Rolnik (2005), o sujeito se perde nessa situação, restando somente um corpo moldado aos

ditames do momento, um produto de uma exigência estabelecida, conseqüentemente, a sua subjetividade passa a ter a forma do seu trabalho. Todo esse cenário, todavia, gera frustração no personagem, uma vez que isso não traduz suas potencialidades, quem ele realmente é, e não condiz com o seu modo de ser.

A idade também se torna um fator de preocupação para aqueles que ficaram anos em uma mesma organização e que, durante este tempo, não se atualizaram ou se qualificaram em suas áreas de conhecimento. A imagem das pessoas, vinculada à noção da faixa etária, adiciona mais um problema no enfrentamento do desemprego (LANCMAN; SZNELWAR, 2004, ANTUNES, 2006). No enredo do filme, aqueles que parecem ou são mais velhos são preteridos em relação aos mais novos, que carregam o estigma de ter mais energia e novas bagagens, como aponta o estudo de Antunes (2006). Além do mais, à medida que aumenta o tempo para recolocação no mercado de trabalho, as chances de empregar-se diminuem, aumentando, conseqüentemente, o desespero e o sofrimento que, como no filme, pode culminar, em alguns casos, no suicídio (DEJOURS, 1999).

Sentir-se inútil, desvalorizado e descartável também são característicos deste processo. No filme, em uma reflexão sobre a sua demissão, Davert pondera:

Sempre fui um marido, um pai, um leal funcionário. Seis meses depois (de uma premiação em reconhecimento pelo seu desempenho e após 15 anos de empresa) fui demitido com mais 600 pessoas.

A partir disso, percebemos um personagem que se sente humilhado, desgostoso com a atitude da empresa para consigo. Ele, que na sua visão, tanto ofereceu e se empenhou pela empresa, não recebeu nada em troca, ao contrário, foi demitido como um a mais entre essas 600 pessoas.

A desvalorização, para Lancman e Szelwar (2004), afeta toda a subjetividade e o modo como o indivíduo se enxerga. Ele não consegue mais se ver a longo prazo, a construção da sua trajetória de vida se rompe. Desse modo, o desemprego não somente afeta o lado profissional, mas também permeia por completo sua vida. No momento que o reconhecimento não existe mais, o indivíduo tende a se considerar sem importância.

Em meio a esta situação de desvalorização, há inúmeros outros casos semelhantes ao longo do filme. Isso, por sua vez, só agrava a preocupação e o estresse do personagem. Ao ver um concorrente trabalhando como garçom e outro como vendedor em uma loja de ternos, Davert percebe a dimensão do problema social que está vivenciando. Diante disto, ele entende o quanto a falta do trabalho afeta a noção de identidade, de sentir-se bem. Isso remete ao que Morin (2001) relata acerca do trabalho, uma vez que este é um dos aspectos que formam o sujeito, a sua subjetividade, ou seja, sem trabalho o indivíduo perde uma parte do que o representa, do que ele é. Quando há a perda desse vínculo, a forma como ele se situa e se inclui na sociedade também cessa. Assim, a perda do trabalho ou a necessidade de trabalhar em uma área diferente da qual é especializado e diferente da qual construiu seu status social,

leva o indivíduo ou ao isolamento e a todo o conjunto de efeitos sociais e psíquicos que ele provoca, ou à busca de alternativas de sobrevivência, que em geral resultam em precariedade das condições de vida, em todas suas dimensões (HOLZMANN, p. 32, 2012).

No sistema capitalista, o emprego é visto como uma obrigação moral e social. Não trabalhar, ou ter um emprego considerado inferior, implica em isolamento e rejeição social, onde “a impossibilidade de concretizar essa função tem efeitos deletérios na subjetividade dos indivíduos, a sua rotina vazia parece retirar-lhe a alegria de viver” (HOLZMANN, 2012, p. 53).

Em uma das passagens do filme, o personagem Gerard Hutchinson, engenheiro fora do mercado há cinco anos, que trabalha como garçom, desabafa: “*Essa não é o meu verdadeiro trabalho. Eu sou engenheiro gráfico na Indústria de Celulose. Perdi meu trabalho faz cinco anos. É muito duro, eu não desejo isso a você*”.

O sentimento de ter o controle de sua vida arrancado permeia os personagens de *O Corte* que estão busca do emprego perdido. Curiosamente, todos os personagens são do sexo masculino, o que remete a uma importante questão de gênero e de papéis sociais no mundo contemporâneo. Para os homens,

A condição de desempregado cai pesadamente sobre seus ombros, pois é ainda muito arraigada a concepção de que o homem é o natural provedor do grupo familiar, e a impossibilidade de cumprir essa função estigmati-

za-o aos próprios olhos. Sua inatividade, confrontada com a rotina de trabalho da mulher, torna-se ainda mais humilhante (HOLZMANN, 2012, p. 69).

Em *O Corte*, o trabalho, para Davert, representa o que ele é, sua vida. Esse sentimento está relacionado ao conceito de centralidade que o trabalho desempenha na vida do indivíduo (ANDRADE, TOLFO, DELLAGNELO, 2012). No momento em que o cerne de sua vida é extirpado, o sentido desta vida se perde.

Tirando meu trabalho me tiraram a vida, estragaram a vida de minha família inteira. Certo, trabalho não é tudo, mas sem ele, o que sou? Como fico? Meus colegas e eu éramos como uma tribo, trabalhando juntos, ajudando uns aos outros. Ser demitido destruiu aquela tribo. Nos tornamos inimigos. (...) ou pior que isso, concorrentes. Cada um por si e nada de Deus (Fala de Davert).

“Acabaram com minha vida, com o risco de arruinar a de minha família!”

Além de todos os problemas inerentes à noção de identidade do indivíduo frente ao desemprego, há também aqueles referentes à vida familiar e financeira. A perda do emprego traz consigo, muitas vezes, o afastamento dos familiares e amigos, além de exigir um novo planejamento financeiro para enfrentar o período de desemprego, o que poderá afetar negativamente o modo de relacionar-se com as pessoas (LANCMAN, SZNELWAR, 2004).

O desemprego de Davert desencadeia diversos desentendimentos com a esposa, o esfriamento da relação e até uma suposta traição. Muitos destes fatos decorrem da mudança de atitude do desempregado, ocasionado pelo sofrimento que este está vivenciando e pela preocupação em relação à mudança financeira e de status social, bem como o estigma negativo que é criado em relação ao desemprego na sociedade (GUILMARAS, DEMAZIERE, SUGITA, 2009). Neste sentido, um novo trabalho é visto como a possível solução dos problemas, como reflete Davert *“tenho planos. Encontrarei um trabalho e tudo será como antes”*.

O papel de “provedor” é assumido pela esposa de Davert, que precisa trabalhar em dois empregos para suprir as despesas familiares. Neste aspecto, o filme retrata, também, a precarização no mundo do trabalho, onde a remuneração é cada vez mais baixa, em

especial para as mulheres, devido à grande demanda de mão-de-obra disponível no mercado. Aliado a este fato, a realidade feminina, em que mulheres recebem uma remuneração menor em relação aos homens, e a sujeição a empregos de menor *status* também se evidenciam no filme. Tal fato está associado à divisão sexual do trabalho que diz da separação e distribuição das atividades de produção e reprodução social de acordo com o sexo dos indivíduos (HOLZMANN, 2006).

O desgaste das relações familiares e sociais coloca em risco a saúde mental dos desempregados. Isto é mostrado no filme de forma implícita, através da atitude de Davert, que decide matar seus concorrentes em potencial, o que evidencia um desequilíbrio emocional que não pode ser desconsiderado. -

“Você também está ficando louco”

Após a perda da noção de identidade e todos os conflitos familiares e pessoais, o indivíduo tem de enfrentar a possibilidade de sua saúde mental deteriorar (LANCMAN, SZNELWAR, 2004). Diversas passagens do filme evidenciam um personagem à beira da loucura. Ter que ser feliz, sorrir em meio a uma situação que só gera insatisfação, é um processo doloroso:

*Tinha vindo ao país do sorriso obrigatório,
mas eu já não sabia como sorrir.
Tornei-me hostil e antissocial.
Tudo isso está me enlouquecendo, se você soubesse...*
(Fala de Davert).

Aqueles que se encontram em situação de desemprego sentem raiva, ressentimento, medo. Um conjunto de sentimentos que podem levar a situações extremas, no filme retratado por meio de assassinatos e suicídio. Holzmann, (2012, p. 62) compreende isto como a “competição a qualquer preço, *anima* do capitalismo, em que a vitória de uns se dá pelo aniquilamento de outros”.

O desespero perante o desemprego leva o personagem Davert a um caos psíquico. Sua decisão de cometer os assassinatos para conseguir um emprego a qualquer custo evidencia a difusão do “cada um por si” e do desenvolvimento de atitudes perversas (DEJOURS, 2004; HIRIGOYEN, 2005), assim “a destruição humana e a crueldade passaram a ganhar cada vez mais corpo e espaço na subjetividade, sendo sempre

autorizadas e legitimadas pelo gozo sem limites” (BIRMAN, 2006, p. 71). Para Davert, os outros indivíduos passaram a ser vistos como peças a serem manipuladas, descartadas, assim como aconteceu com ele.

Não há lugar para solidariedade, os sentimentos e afetos devem ser descartados na avaliação das possibilidades, segundo as regras do jogo, vale tudo, desde que as aparências sejam mantidas (HOLZMANN, 2012, p. 88).

É inimaginável pensar que o trabalho não continue a ser um eixo principal nas nossas sociedades, como refere Schnapper (1998). O trabalho, além de ter grande importância para o desenvolvimento do potencial humano, ocupa, ainda, posição de destaque na vida da maioria das pessoas, principalmente o trabalho remunerado. A mais desagradável prova disso é o desemprego (KÖNIG, 1994). O maior desalento é que muitas pessoas nem conseguem ter a esperança de conseguir um emprego e, em uma sociedade na qual a produção e o consumo se tornam centrais na vida coletiva, a sensação de não fazer parte disso é desanimadora. Então, quando se pergunta se trabalhar faz sentido, experimente perguntar para aqueles que estão à busca de emprego. Nas palavras de Schnapper (1998, p. 54), “é efetivamente o exercício de uma atividade profissional que dá sentido ao tempo: não ter emprego porque se está desempregado, não é estar em férias ou ter atividades de lazer. O desempregado não se sente no direito de adotar atividades de férias (...) tem que ser um bom desempregado à procura de trabalho”. Afora isso, os assalariados dispensados dificilmente procuram engajar-se coletivamente. A sua revolta nada tem de coletiva ou de organizada. Geralmente, permanecem sofrendo as consequências dessa reestruturação sociais, individualmente.

Assim, como dito por Birman (2006), as constantes mudanças na vida do trabalho acabam criando um ambiente de insegurança e de desigualdade. Essa sensação de não ser reconhecido ajuda a desenvolver o individualismo e as ações narcísicas, onde o indivíduo pensa apenas “no próprio gozo, à custa da extorsão do gozo dos outros” (BIRMAN, 2006, p. 71).

Percebe-se, no entanto, que esta situação torna-se desconfortável para aquele que a executa. Davert, ao mesmo tempo em que elimina, um a um, seus concorrentes, passa sentir certa compaixão e solidariedade

frente aos problemas que seus concorrentes enfrentam, pois são problemas da mesma natureza dos seus. A partir daí, um sentimento de culpa e necessidade de redenção o invadem: o filme inicia, justamente, com uma tentativa de confissão por seus crimes. Mas logo estes sentimentos mais humanizados se dissipam, pois não há tempo e/ou espaço para este tipo de fraqueza. Como dito por Ferraz (2015), uma vez que na sociedade capitalista não há emprego e nem espaço para todos, a ascensão de alguns se dá pelo descarte de outros.

O que significa para você “cada um por si”? – Pergunta o terapeuta – Que tenho que vencer a concorrência e só posso contar comigo mesmo. – responde Davert.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado do trabalho sofreu grande mutação em nossa sociedade ao longo da história. Desde o trabalho não remunerado, exercido pelas famílias que produziam o necessário para sobreviver; o trabalho escravo, que persiste até os dias de hoje; o trabalho visto como uma atividade inferior, posto que era exercido apenas por quem não dispunha de riquezas e terras; o trabalho como atividade que engrandece e dignifica o homem, que deve sempre acumular riquezas e não pode nunca gozar dos frutos de seu trabalho; o trabalho alienado, o trabalho como uma mercadoria que pode ser vendida; entre tantos outros sentido que ao longo do tempo esse termo incorporou. Neste estudo, focou-se no trabalho assalariado, característico do capitalismo, onde é preciso produzir para poder consumir. Este trabalho pode ser fonte de prazer quando, além das compensações financeiras, são atingidos níveis altos de satisfação por sua execução. Outras vezes, podem ser fonte de sofrimento, pois é preciso trabalhar, mesmo que não haja uma identificação do indivíduo com sua atividade.

Alguns teóricos que estudam os sentidos do trabalho podem considerá-lo como apenas um dos elementos constituintes da vida do sujeito, atribuindo a ele um papel que não é central em sua existência. Outros teóricos consideram que o trabalho, na atual configuração social, constitui-se em “fator-chave de integração e de criação de laços sociais, de sentimento de pertinência ao coletivo, de dignificação diante

do outro, de autorreconhecimento e de autoestima” (HOLZMANN, 2012, p. 32). Foi nesta perspectiva da centralidade do trabalho que este estudo se amparou para fazer a análise do filme *O Corte* (2005). Passados mais de dez anos desta produção cinematográfica, a abordagem do filme permanece atual: o desamparo em relação à falta de trabalho conduz o indivíduo a um isolamento, a uma marginalização. Ao mesmo tempo em que em nossa sociedade não há mais a possibilidade de vivermos isolados (pelo crescimento exponencial da população, a globalização, as tecnologias que nos aproximam de pessoas distantes geograficamente), ainda enfrenta-se a solidão e isolamento causados pelo sentimento de fracasso, desprestígio e vergonha que o desemprego traz consigo e que relega o indivíduo a um lugar de coadjuvante na teia social.

O uso do cinema para compreender fenômenos históricos e sociais permite, literalmente, enxergar uma realidade rica em imagens, sons, olhares, e que possibilitam ver um evento sob diferentes perspectivas: da perspectiva dos personagens, do diretor, da História. São infinitas as possibilidades que o cinema nos dá para interpretar o mundo. Assim, buscar compreender fenômenos sociais, como o desemprego, através da lente cinematográfica, é uma oportunidade de despertar outros entendimentos a respeito do tema, assim como o é quando analisa-se o desemprego sob a ótica econômica, política, histórica, cultural. Todas estas perspectivas, se somadas, podem ampliar e enriquecer as discussões acerca destas questões que mobilizam e desafiam os cientistas sociais. O presente estudo se propôs a oferecer outra possibilidade de abordagem sobre temas como trabalho e desemprego, conflitos, prazer, sofrimento no contexto atual. As possibilidades de análise não se esgotam nas categorias propostas, ao contrário, muitos outros elementos podem ser somados a esta análise, visto que cada indivíduo interpreta os dados, fatos, textos e imagens de forma singular. Como agenda para próximos estudos, outras categorias podem ser exploradas ainda na análise do filme *O Corte*, como o papel da mulher na concorrência por vagas até então ocupadas apenas por homens; o preconceito em relação a imigrantes que ocupam o trabalho dos nativos e aos negros; a questão da ética (ou a falta dela) em que o indivíduo individualiza tanto suas necessidades que se

esquece da dimensão ética de suas ações. Além disso, para o campo da Administração, propõe-se uma maior abertura a publicação de estudos realizados com esta perspectiva, usando as manifestações artísticas como campo de pesquisa válido e pertinente para aprofundar o estudo de teorias consagradas. Além do mais, propõe-se a utilização de filmes em projetos de extensão, nas salas de aulas, a fim de proporcionar um olhar diferente acerca das cenas cotidianas e problemas sociais/econômicos/políticos. Por fim, sugere-se utilizar filmes em grupos focais, para que juntos, possa se produzir uma análise mais aprofundada e ter a possibilidade de novos olhares acerca de um problema de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. P. C. de; TOLFO, S. da R.; DELLAGNELO, E. H. L. Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 200-216, abr., 2012.
- ANTUNES, R. Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2006.
- AZIZE, R. L. Desemprego executivo: a crítica ao terceiro espírito do capitalismo no cinema contemporâneo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 81-91, Fev.2009.
- BIRMAN, J. Sobre o mal-estar na modernidade e na brasilidade. In: BIRMAN, J. **Arquivos do Mal-Estar e da Resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BITENCOURT, B. M.; GALLONS, S.; BATISTA, M. K.; PICCININI, V. C. Para Além do Tempo de Emprego: o sentido do trabalho no processo de aposentadoria. **Revista de Ciências da Administração**. v.13, n.31, p. 30-57, set/dez, 2011.
- BIZARRIA, F. P. A.; TASSIGNY, M. M.; ALMEIDA, R. R. F.; BRASIL, M. V. O. Análise da atividade de consultoria com suporte na observação fílmica: o caso do filme *Missão Demissão*. Teoria e Prática em Administração, v. 4, n. 2, p. 49-69, 2014.

- BRUYNE, P. de; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica.** 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede.* São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CATTANI, A.D (Org.). Trabalho: horizonte 2021. Porto Alegre: Escritos Editora, 2014.
- CHAMPOUX, J. E. Film as a teaching resource. **Journal of Management Inquiry**, vol. 8, n.2, p. 206-219, June, 1999.
- CONCOLATTO, C.; RODRIGUES, T. G. A. Mudanças nas relações de trabalho e o papel simbólico do trabalho na atualidade. *Farol*, v.4, n. 9, p. 341-390, 2017.
- DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social.** Tradução L. A. Monjardim. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- _____. Avant-propos para a edição brasileira In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, 2004.
- DEJOURS, C. El sufrimiento em el trabajo. 1 ed, Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Topia Editorial, 2015.
- DOURADO, D. C. P. et al. Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro: FGV, v.7, n.2, p. 349-367, 2009.
- SCOREL, E.; PADILHA, J.; COUTINHO, E.; ANDRADE, J.P. GOIFMAN, K. **Objetivo Subjetivo.** Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2003.
- ESTANISLAU, C.; CASTRO, D.; VIEIRA, A. M.; RESCH, S. O mundo do trabalho visto no cinema: busca por significados no documentário peões. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 6, n. 2, p. 33-49, 2012.
- FERRAZ, D. L. Projetos de Geração de Trabalho e Renda e a Consciência de Classe dos Desempregados. **Organizações e Sociedade**, vol 22, n. 72, jan./mar., 2015.
- FONTENELLE, ISLEIDE A. Prosumption: As Novas Articulações entre Trabalho e Consumo na Reorganização do Capital. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, v. 51, p. 1-20, 2015.
- GAULEJAC, V. **As origens da Vergonha.** Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Editora Via Lettera, 2006.
- _____. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social.** Aparecida: Ideias e Letras, 2007.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 7 ed. revis. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GUIMARÃES, N.; Demaziere, D.; Sugita, K. O desemprego como experiência biográfica. São Paulo, Paris, Tóquio. In: GUIMARAES N. (Org.), **Desemprego, uma construção social: São Paulo, Paris e Tóquio** Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 87-201, 2009.
- HEILBRONER, Robert L.; MILBERG, William. A construção da sociedade econômica. São Paulo: Artmed, 2008.
- HIRIGOYEN, Marie-France. El acoso moral: el maltrato psicológico em la vida cotidiana. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 47 - 128
- HOLZMANN, Lorena. **O trabalho no cinema (e uma sociólogo na plateia).** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2012.
- HOLZMANN, Lorena. Divisão Sexual do Trabalho. In: **Dicionário Crítico de Trabalho e Tecnologia.** CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Orgs.). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- HUCZYNSKI, A.; BUCHANAN, D. Theory from fiction: a narrative process perspective on the pedagogical use of feature film. **Journal of Management Education**, v. 28, n. 6, p. 707-726. dez. 2004.
- IASI, Mauro Luis. **As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- KAHN, H. Unemployment and mental health. In: Antonio A. G; Cooper C. L. (Eds.), **The psychology of the recession on the workplace.** Glos/Massachusetts: Edward Elgar, p. 196-208, 2013.
- KÖNIG, Helmut. A crise da sociedade do trabalho e o futuro do trabalho: crítica de um debate atual. In: MARKERT, Werner (Org.). **Teorias da educação do Iluminismo, conceitos de trabalho e do sujeito.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

- LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. **Christophe Dejours:** da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, 2004.
- LAZZARATO, M; NEGRI, A. **Trabalho imaterial:** formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- LINHARES, A. R. P.; SIQUEIRA, M. V. S. Vivências depressivas e relações de trabalho: uma análise sob a ótica da Psicodinâmica do Trabalho e da Sociologia Clínica. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 12, n. 3, 2014.
- MACHADO, D. Q.; IPIRANGA, A. S. R.; MATOS, F. R. N. (2013); “Quero matar meu chefe: retaliação e ações de assédio moral”. *Pretexto*, Belo Horizonte, 14(1), 52-70, jan./mar. 2013. (APA. Tem que padronizar ABNT, como as demais)
- MATTOSO, J. **O Brasil desempregado.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- MORIN, E. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001.
- OLTRAMARI, A.; SILVA, C.S.; BORTOLINI, A.C.. As relações de trabalho e de classe no filme “Que horas ela volta?”. IX Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016.
- PAIVA JR, F. G.; ALMEIDA, S. L.; GUERRA, J. R. F. O Empreendedor Humanizado como uma Alternativa ao Empresário Bem-Sucedido: Um Novo Conceito em Empreendedorismo, Inspirado no Filme Beleza Americana. *RAM – Revista de Administração Mackenzie*, v. 9, n. 8, Edição Especial.
- PALASSI, M. P.; SILVA, A. R. L. Da. Dinâmica do significado do trabalho na iminência de uma privatização. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n.38, p. 47-66, abr. 2011.
- PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes: conceitos e metodologia (s). In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009.
- POCHMANN, Márcio. Sindicalismo patronal brasileiro: auge e declínio. In: *São Paulo em Perspectiva*. Vol. 12, n. 1, 1998.
- RAMALHO, J. R. Resenha: O Trabalho no Cinema (e uma socióloga na plateia). **Cad. CRH**, Salvador, v. 26, n. 67, p. 193-195, abr. 2013.
- REINERT, J.N. Desemprego: causas, consequências e possíveis soluções. **Revista de Ciências da Administração**. ano 3, n. 5, mar., 2011.
- RODRIGUES, A. L.; BARRICHELLO, A.; MORIN, E. Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: Um estudo multimétodos. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 2, p. 192-208, 2016.
- ROESCH, S. M. A. **Projetos de estagio e de pesquisa em administração:** Guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de casos. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- ROHDES, C.; BROWN, A. D. **Writing Responsibly:** Narrative Fiction and Organization Studies. *Organization*, v. 12, n. 4, p. 467-491, 2005.
- SCHNAPPER, Dominique. **Contra o fim do trabalho.** Lisboa: Terramar, 1998.
- SENNET, R. **A corrosão do caráter:** as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SOCHACZEWSKI, M. **O conflito Israel-Palestino visto pelo cinema local.** São Paulo: História, v. 33, p. 122-149, jul/dez 2014.
- SOUSA, F. I. Imagens e representações da prostituta no cinema. *Revista Ciências Administrativas*, v. 11, n. Especial, p. 85-90, 2005.
- SOUZA, Filipe Augusto; LEMOS, Ana Heloisa. Terceirização e resistência no Brasil: o projeto de lei 4.330 e a ação dos atores coletivos. **Cadernos Ebape**, vol 14, n. 4, 2016.
- TAYLOR, V. F.; PROVITERA, M. J. Teaching labor relations with Norma Rae. **Journal of Management Education**, 35(5) (APA), p. 749-766, 2010.
- TOLFO, S. da R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, p. 38-46, 2007.
- TURNER, Graeme. **Cinema como prática social.** São Paulo: Summus, 1997.
- VANOYE, F.; GOLLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a Análise Fílmica.** Campinas, Papyrus, 2004.

VARGAS, F. E. B. **Formes et expériences privation de travail au Brésil : la construction sociale du chômage dans la perspective d'une sociologie des rapports sociaux.** 2001. 575 f. Tese de doutorado, CNRS-Université de Paris 10-Université de Paris 8 , Paris, 2008.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.

WALLER, M. J., SOHRAB, G., MA Bernard W. **Beyond 12 Angry Men: Thin-Slicing Film to Illustrate Group Dynamics.** *Small Group Research*, Toronto, 44(4) (APA), p.446-465, 2013.

WHITESIDE, N. Constructing unemployment: Britain and France in historical perspective. *Social Policy and Administration*, v. 48, n. 1, p. 67-85. fev. 2014.